

**A CRISE DOS GÊNEROS E A FICÇÃO LÍRICA  
DE MARIA GABRIELA LLANSOL**

JORGE FERNANDES DA SILVEIRA  
UFRJ

*Uma ficção não pode ser simples,  
é o encontro inesperado do diverso.*

M.G.Llansol - **Causa Amante**

### **1. Um Nome Nascente**

Maria Gabriela Llansol nasceu em Lisboa em 1931.

Após longo mistério em torno de sua vida, sabe-se hoje que é formada em Direito e Ciências Pedagógicas. Nos anos 60, mora no interior da Bélgica onde dedica-se à educação de crianças de várias nacionalidades. Hoje vive, discretamente, em Lisboa.

Llansol publica em 1962 o seu primeiro livro, **Os pregos na erva**. Desde então, descontando o intervalo de 11 anos entre o primeiro e o segundo livro - **Depois de os pregos na erva** (1973), vem publicando regularmente. Ao todo, nove títulos em séries temáticas denominadas: **Diário**, **Geografia de Rebeldes** e **O Litoral do mundo**. **Da sebe ao ser**, o último livro da A., é de 1988.

Embora tenha sido logo notada por alguns ensaístas, só nos últimos cinco anos Llansol vem sendo estudada seriamente, dentro do espaço crítico e universitário, e despertando o interesse por parte de um público ainda pequeno mas entusiasmado.

### **2. A Escrita Crítica e a Leitura em Crise**

O que escreve Llansol? Contos? Novelas? Romance? Longos poemas em prosa?

De saída, dir-se-á que a obra da autora de **Contos do mal errante** é uma forma de ficção sobre os gêneros da Literatura.

Como Llansol escreve o que escreve?

À primeira vista, perceber-se-á um modo de interlocução. Uma comunidade textual onde convivem alguns dos maiores nomes e mitos da cultura portuguesa, em particular, e da cultura universal, em geral.

Quando se lê a obra de Maria Gabriela Llansol, o que talvez mais intrigue o leitor seja a disposição espacial do texto. São muitos os espaços em branco, as frases cortadas por elipses, as variações do chamado verso livre. Há uma por demais evidente forma lacunar sobre a folha impressa. Não será desavisado o leitor que, diante desse modo fragmentário da escrita, julgue estar assistindo a uma crise dos gêneros literários.

Mas Llansol não escreve poesia, poemas. Extremamente interessante, contudo, é o fato de que a atenção ao modo como ela escreve, em que há, diga-se assim, uma memória do lírico, levará a melhor compreensão acerca da poesia atual. O que há nesses textos, com certeza, é um modo *lírico* de estar na linguagem, de compreender e de conceber a escrita. É lírico sobretudo o efeito produzido na leitura pelo ritmo lacunar em que se apresenta o discurso. Este está mais próximo do lírico, entendido como um tempo que se processa por sugestões e descontinuidades, em oposição à narrativa cujo ritmo se caracteriza por um tempo de expansão e continuidades. Assim, como conclusão antecipada, o que se denomina *ficção lírica*<sup>1</sup> ou *memória do lírico* na obra de Llansol significa que o sistemático uso do modelo poético convencional (a distribuição das linhas em forma de versos) está a serviço da própria ficcionalização do modelo em uso. A forma empregada não mais se auto-referencia e deixa, portanto, de produzir um efeito de repetição aos olhos do leitor que aprendeu a distinguir o que é próprio do lírico daquilo que é próprio do narrativo; perturbado, esse leitor terá de reconsiderar alguns dos seus conceitos adquiridos, entre eles o de estilo e o de gênero. Terá de rever a "impostura da língua", "a sua forma conforme e pesada". (Cf. **Causa Amante**, 1984, p.18-19).

Este modo de escrever enuncia uma vontade de abstração: uma só forma como expressão da literatura. A unidade na diversidade - é esta a ficção lírica na/da obra de Maria Gabriela Llansol.

Obra em que o sujeito, em meio a tal atemporalidade de concepção dos meios expressivos da linguagem, interpreta a sua subjetividade como manifestação de uma identidade que só textualmente tem sentido: "ninguém sabe que escrevo, e eu própria desconheço o texto surpreendente que me espera." (Fotobiografia. **Letras e Letras**. Porto, 29:13. Maio 1990.)

### 3. Água de Escrita

Numa das últimas páginas de **Finita, Diário II, 1987**, a Autora do **Diário** declara a sua genealogia:

---

<sup>1</sup> Sobre este assunto ver sobretudo Maria Alzira Seixo, **A palavra do romance**. Lisboa, Livros Horizonte, 1986. p.32 e Paula Morão, **MGL, Notas sobre uma ficção luminosa**. Letras e Letras, Porto, 29:9, Maio 1990.

Por qualquer forma que os bens me cheguem, nem me são devidos, nem indevidos. Em mim várias nascentes confluíram, a do Pai, a da avó Isabel, a do primo, Álvaro, a do pai adotivo da avó Isabel ("o bom padrasto"), que era encadernador, e outras sem água de escrita visível. (p.188)

Nesta biografia, assinalar-se-á *por qualquer forma* (é importante ver em Llansol uma forma de ficção dos gêneros literários); *em mim várias nascentes confluíram* (igualmente importante é buscar um sentido para estas múltiplas nascentes, naquela que sobre os outros que não sabe em si os diz "sem água de escrita visível".)

*Água de escrita* é uma imagem, uma metáfora do tempo que, quando dita em voz alta, desdobra-se em dois cursos: *água de escrita* (a que está em curso, substantivo presente) e *água descrita* (a que está em curso acabado, em forma de particípio passado).

No campo das formas, como já disse, há uma por demais evidente forma lacunar nos textos de Llansol. Este modo de composição contorna a questão da subjetividade nas duas águas acima descritas. Leia-se uma outra passagem de **Finita**; nela o sujeito conta um sonho:

Um lago - enquanto eu dormia voltada sobre o lado esquerdo -, estava a meu lado; era imenso, embora limitado pelos contornos de lago, espalhado, parecia querer ver-me calmamente dormir.

(p.149)

Desperta, o sujeito do sonho procura interpretá-lo:

Conheci - porque a vigília do lago me veio à idéia -, esta coisa simples sobre as mortes. Eu já fui, em verdade, lago - sua borda de terra -, o corpo das reminiscências está em mim: apodrecer é o meio de voltar à terra, à água do lago, de trazê-los e levá-los consigo. A morte é a noite obscura desta passagem, o único meio de sublimar a pedra cativa.

(p.149)

Aquela que interpreta a si mesma declara ter conhecimento de um tipo de subjetividade calcada na imagem de narciso, aquele outro que, através do mergulho em si mesmo, sofreu a mais radical das experiências: a própria morte. É preciso atravessar a imagem da morte no espelho das águas, repeti-la, para saber-se também outro. Ora, não haveria nenhuma novidade nesta circunstância, se nela já não se apontasse o espectro de uma linguagem, se nela não reconhecesse uma experiência de escrita. O eterno retorno do mútuo ou do duplo corre para a idéia de ficção - isto é, a minha vida é repetição em mim (portanto diferente) de uma fatal e necessária aventura de

conhecimento. Na minha vida (quer dizer, na do sujeito do sonho), o mito inscreve um paradigma da cultura ocidental. Mas - insiste-se - por que lago?

Em **Um falcão no punho**, **Diário, I**, 1985, são estas as palavras de abertura:

Tal como sou acompanhada pelos lagos - águas  
adormecidas naturais e duráveis -, de  
igual modo deve  
fazer parte da sombra,  
que se desloca comigo,  
inscrever os dias estendidos por longo pe-  
ríodo de tempo.

(p.7)

O lago é, portanto, o lugar da analogia, é, de fato, uma forma de representação da escrita (a sombra que se desloca, a alteridade do traço). Parece, contudo, mais uma vez, não residir aqui a novidade da ficção de Maria Gabriela Llansol.

Novidade há, e muita, quando se atenta para o espraiamento da analogia no último texto citado. É um "tal como", de origem no lago, a correr para um "de igual modo", não estranhamente oriundo de outro curso. Noutras palavras: o correr da escrita faz com que as águas mortas do lago se desloquem em direção à água de outra fonte. Ela mesma uma metáfora de fonte, pois é um livro o que se nomeia:

Eu corrijo as provas de **O Livro das Comunidades**; não é um livro como os outros, é um livro-fonte; o seu começo leva-me a uma paisagem noturna em que a água é uma claridade que já é madrugada; fim do fechamento?

Fez-se noite que perde o seu sentido habitual.

(**Finita**, p.181)

É na confluência dessas duas águas que a ficção de Maria Gabriela Llansol adquire sentido inovador.

A água-fonte, imagem de livro, é duplamente ativa. O fluir da sombra para a luz — repete-se o fluir das águas do lago (escuras, onde um mito está na origem de um sonho, isto é, da narração) para as águas da fonte (claras, onde um livro está em trabalho de revisão) — metaforiza a identidade do sujeito como um acontecimento textual. Isto é: só existo porque estou inscrito numa memória cultural (o mito *água descrita*), só existo porque sou um corpo a escrever, sou água *de* escrita.

Acontecimento duplo, se disse, pois uma biografia assim concebida culmina numa declaração de identidade onde se reconhece um sujeito nascido e vetado por uma comunidade textual extremamente forte:

Interrompo aqui o texto porque desliza para a metáfora. Queria desfazer o nó que liga, na literatura portuguesa, a água e os seus maiores textos. Mas esse nó é muito forte, um paradigma frontalmente inatacável.

(Um falcão no punho, p.32)

Extremamente portuguesa, Llansol mais se conhece quanto mais se reconhece um sujeito pessoal na interlocução com uma comunidade cultural — a sua, cujo imaginário é feito de água. Água agora em expansão — Mar, a sua mais perfeita tradução.

Na passagem lida, está escrita a experiência do impossível, a vivência de um veto: "desfazer o nó que liga na literatura portuguesa a água e os seus maiores textos."

Num salto brutal de etapas e demonstrações, dir-se-ia que Camões é o autor do nó. Que o nó são **Os Lusíadas**.

Em alguns textos de Llansol, Camões pode ser aquele que se chama Luís Comuns (por exemplo, **Da sebe ao ser**, 1988). Mas aquele que nos textos é chamado de Luís Comuns pode não ser Camões. Porque, na verdade, um não é o outro e vice-versa. O que é importante não esquecer, porém, é que na Literatura Portuguesa o dilema do um e do outro, na expressão do paradigma terra/mar, é questão fundamental. E, nessa questão, Camões é o nome. Sem dúvida, o nome do Pai.

Em oposição a um José Saramago (nome importante e inevitável), em Llansol importa sobretudo ver em Camões um nome, a ficção de um nome de escrita, *água de escrita*, isto é, (N)o presente que escreve. O nome, e não a apropriação de um livro - no caso de O LIVRO -, para pôr em questão a ideologia expansionista portuguesa.

Em Llansol, Pessoa (por exemplo, à semelhança de Camões), o outro mito cultural/textual, não interessa como autor dos heterônimos, mas como um nome Pessoa suficientemente ambíguo (pessoa/persona, ser pessoal/textual) para vê-lo como personagem da sua própria armadilha heteronímica, quando apresentado às avessas, da direita para esquerda como AOSSEP, em **Um falcão no punho**. Um *outro* só de/na escrita possível.

Saramago - oposição levantada, que agora se esclarece - cita os textos de Camões e de Pessoa para que, citados, e, logo, deslocados, sofram um processo de releitura; possibilitem a hipótese de uma nova forma de intervenção cultural e política. Llansol, por sua vez, os cita de maneira peculiaríssima. Mas é evidente que há leitura desses poetas nos seus textos. Não transformados pela leitura, mas em processo permanente de escrita, Camões e Pessoa — dir-se-ia assim — são uma função personagem mais que uma função autoral. É como se os seus textos ainda não existissem, ou melhor, nunca chegassem de fato a existir. Luís Comuns e Aossep são

uma representação *de* papel fora de um papel que lhes foi por demais imposto. Mudar-lhes o nome - ou melhor, trocar-lhes os nomes num trocadilho é chamá-los matéria de água escrita, quer dizer de escrita, memória do nome lírico - do sujeito e do texto lírico.<sup>2</sup>

No fundo, porém, poucos autores sabem como Llansol que escrita e leitura são um paradigma de nó tenso, quase cego, frontalmente inatacável.

É ela quem diz em **Um falcão no punho**, haver "uma diferença entre ser vivido e ser experiente". (p.106). Para ela o sujeito que escreve, o narrador, só existe na ficção que ele escreve e que simultaneamente o escreve.

A extraordinária novidade que os textos de Maria Gabriela Llansol imprimem na Literatura Portuguesa é a de que tudo num texto é ficção.

É ela quem escreve com mais convicção de acreditar nisto.

---

<sup>2</sup> Para uma visão mais aprofundada destas questões remeto ao meu "Entrepeessoas com Aossé na casa e na mesa de Bach": **Remate de Males**, Campinas, 8: 83-91, 1988.